TL 1743

PORTUGAL, TIMOR LESTE E O JAPÃO

Não creio ser a pessoa mais adequada a convidar como antropólogo especializado em Timor Leste. Contudo, fui o único que esteve em Timor Leste pouco antes da intervenção indonésia.

Parti para Timor Leste no princípio de Novembro de 1974, na esperança de poder realizar trabalho de investigação em Antropologia. Após dez dias em Dili, obtive autorização do sr. Talis, que era então o principal responsável pelo planeamento, para me deslocar a uma área específica, a fim de realizar trabalho de campo.

Penso ter de explicar o motivo porque decidi ir fazer pesquisas antropológicas para Timor. Realizei os meus primeiros trabalhos de campo na Nigéria, na África Ocidental, estudando os mitos e a estrutura social de um povo chamado Jukuns. Os Jukuns eram conhecidos pelo seu reino, que tinha uma história de cerca de quinhentos anos. Estudei sobretudo os mitos deste grupo. Após ter trabalhado uma cultura africana, decidi mudar de área cultural e voltar-me para Ásia. A razão que me levou a tomar essa decisão foi a convicção de que não seria talvez má ideia estudar uma cultura do Sudoeste Asiático, que podia apresentar características de continuidade a determinados níveis.

Em termos antropológicos, considera-se que o território que inclui Timor e a Indonésia apresenta algumas semelhanças culturais. A chamada Escola de Antropologia de Leyden desenvolveu uma teoria segundo a qual existiria um padrão arcaico de estrutura social nesta região, estrutura essa que se basearia numa cosmologia de natureza dualista. Este tipo de estrutura dualista pressupõe um tipo de prática matrimonial que se designa por casamento entre primos cruzados, em que um homem, em particular o primogénito, deverá casar com a filha do irmão da mãe. Nessas circunstâncias, existe uma espécie de sistema hierárquico entre os clãs, que se relacionam entre si através do casamento. Os clãs que dão as filhas são considerados espiritualmente superiores. São clãs fornecedores de mulheres. Isso significa que os clãs receptores de mulheres são considerados espiritualmente inferiores. Numa sociedade desse tipo, existe uma forma de mito em que um herói, um antepassado que veio do céu ou que chegou de barco ao território, se casa com uma rapariga de um clã autóctone. Num território dessa natureza, observam-se dois tipos de autoridade: uma é a autoridade do clã, que afirma descender do indivíduo que veio do exterior. É esse clã que normalmente fornece os dirigentes políticos. A outra é a autoridade dos que afirmam ser descendentes dos povos autóctones, e que são considerados espiritualmente superiores relativamente aos primeiros. Esta superioridade é explicada pelo facto de os povos autóctones terem ligações mais profundas com a terra.

Numa sociedade deste tipo, as coisas são classificadas com base numa dicotomia: sol vs. lua, fogo do céu vs. água, montanha vs. mar, uma faca grande (katonen em muitos grupos) vs. tecido, ornamento em ouro vs. alimentos, etc. Alguns desses objectos são trocados em cerimónias rituais, de acordo com as relações matrimoniais estabelecidas. Nessas ocasiões, os objectos do primeiro grupo são considerados bens masculinos, e os da segunda categoria bens femininos. Existe uma direcção na circulação dos bens. Os bens masculinos são transferidos dos clãs receptores de mulheres para os clãs dadores de mulheres. Os bens femininos circulam no sentido que vai do fornecedor de mulher para o receptor de mulher. Por exemplo, uma determinada espada com um padrão do tipo kris (punhal usado nas danças do Bali) na lâmina, é transmitida na direcção do receptor de mulher. É por vezes possível identificar as relações matrimoniais ao longo de várias gerações e, pelo menos em teoria, é possível que uma determinada espada acabe por regressar ao seu proprietário original, fechando-se desse modo o círculo. O mesmo se poderia dizer acerca da circulação de determinados objectos femininos tais como uma peças de cerâmica denominadas mutisala. Estes objectos muito valiosos resultam de um mecanismos de circulação muito amplo. A espada ou punhal do tipo kris tem origem na ilha do Bali. Se este facto for utilizado como justificação para a invasão partindo do princípio que dois são um, então não será possível contra-argumentar uma possível invasão pelas potências do Médio Oriente, pelo simples facto de se ter provado que a mutisala teve origem no mundo árabe. ?

Foram antropólogos como S.P.B Jusselin de Jongh, W.H. Rassers e J. Rocher da Escola de Leyden quem, nos anos 30, propôs este modelo cultural para os estratos básicos nessa áreas.

Lévi-Strauss, o antropólogo francês, condensou toda esta história na teoria hoje apelidada de estruturalista. Um dos seguidores de Lévi-Strauss propôs uma teoria segundo a qual, embora esse sistema arcaico complexo tivesse quase desaparecido dos territórios, que tinham o seu centro em Java, sobrevivera por meio de alianças assimétricas em territórios periféricos como o dos Nias, alguns grupos em Kalimantan, em Sumatra e em Timor, tanto na parte oriental como na parte ocidental. E foi com base nesse pressuposto teórico que antropólogos como J. Rocher (em Timor Ocidental), Elizabeth Traub e David Hicks levaram a cabo investigações antropológicas sobre Timor com bons resultados.

Para ser franco convosco, dirigi-me primeiro à região central da ilha de Bulu, muito conhecida pelo seu campo de concentração. Era totalmente aos estrangeiros penetrar nesta ilha. Todavia, parece ter sido eu o único que conseguiu fazê-lo. Como foi isto possível ?

Permitam-me que conte como consegui deslocar-me à ilha de Bulu . O LIPI (Centro Nacional de Estudos Científicos) recusou-me naturalmente, a autorização necessária ao trabalho de investigação naquela ilha. Parti para Ambon. Em Ambon fui a casa do Bispo, pois tinham-me dito que um barco especial partia uma vez por mês para Tanimbar . Contudo, também fui informado que o barco partira dois dias antes da minha chegada e que nenhum outro partiria no espaço de um mês. Um dia, enquanto passeava, passei pela sede do comando local. Perguntei ao sentinela se podia acompanhar-me ao gabinete do comandante. Enquanto conversava com ele, apercebi-me que era de Menado. O coronel concedeu-me a autorização para me deslocar à ilha de Bulu, depois de me perguntar quais as razões da minha viagem àquela zona. Foi muito amável ao disponibilizar um avião militar para me transportar até à ilha. Fui acompanhado por um rapaz de Ambon, que me fora apresentado pelo director da Biblioteca Municipal. Ele parecia muito prestável, no entanto, vim a saber mais tarde que ele foi destacado por um grupo protestante para minar o meu trabalho. Na altura, havia um conflito aceso em Ambon, entre a Igreja Católica e os dirigentes protestantes relativamente à evangelização da ilha de Bulu. Deixei a ilha de Bulu um mês depois. E foi assim que desisti da minha segunda escolha e decidi ir para Timor-Leste. Foi David Hicks, Professor de Antropologia em SUNY/Stony Brook, que me proporcionou a informação relevante.

Foi desta forma que cheguei a Dili, passando por Ambon, Ujunpanda, Dempassar e Kupan. Inicialmente, permaneci na "casa da praia", o grande mas simples edificio utilizado como ponto de passagem de todos os jovens aventureiros do mundo, à excepção dos japoneses.

Comecei por solicitar autorização para visitar a região circundante. Por sugestão de David Hicks, pretendia visitar primeiramente Venilate. O homem responsável, chamado Telis, era uma pessoa complicada . Ele parecia uma pessoa prestável. Contudo, tornava-se difícil perceber se ele me queria ali ou não. Tive de me deslocar ao seu gabinete durante cerca de dez dias e por vezes nem conseguia ser recebido por ele.

Ia de tempos a tempos ao Armazém do Estado, porque era esse o local onde eu podia comprar livros interessantes em Português. Um deles era um livro intitulado Mãe, a tradução de uma peça escrita por um autor polaco chamado Stanislaw Wikiewitz. Comecei a ler o livro. Eu praticamente não falava Português. O livro tinha um apêndice que descrevia a censura feita pelo governo a esse texto e as dificuldades que uma companhia de teatro enfrentara para o levar à cena.

Achei divertido ver um livro de teatro que fora banido ser vendido pelo governo. Parecia ser um sinal de que, após a Primavera de Lisboa, havia um movimento no sentido de uma libertação. Este foi o meu primeiro manual do meu mau Português.

Visitei a ilha de Atauro, onde conheci um senhor português de certa idade e bastante sofisticado que se chamava Lopes. Era o tipo de português que só podia ter vivido numa colónia. Contou-me que vivera quarenta anos em Moçambique antes de se instalar em Timor. Não lhe agradava viver no Portugal de Salazar, mas para onde quer que fosse arranjava conflitos com as

autoridades. Ele achava que Talis era desonesto. Nas prateleiras de sua casa tinha livros de Sartre, Heidegger, etc. Sabia falar Francês. Conversámos durante bastante tempo. Ele era um pouco sarcástico. Contudo, o seu cinismo agradava-me. Ele era o tipo de pessoa que existia nas cidades portuárias sofisticadas que o colonialismo produzia. Mais tarde, descobri este mesmo tipo de pessoa quando vi na TV um filme realizado por Orson Wells. Era um filme passado em Macau, cujo argumento fora escrito por Isak Dinisen, a autora de Out of Africa, que também foi transformado num filme. Tratava-se de um velho rico e decadente, representado por Orson Wells, da sua mulher e de um homem jovem que fora recolhido da rua pelo velho quando andava a pedir.

Depois de visitar a aldeia chamada Maquili, onde me ofereceram dois machados magnificamente decorados, voltei a Dili. Aí conheci um antropólogo americano chamado Toby Lazarowitz, estudante de David Hicks em Stony Brook prestes a iniciar o seu trabalho em Viqueque. Cheguei a Bercoli, Venilale, com a ajuda do Sr. António José de Oliveira Miguéis, um administrador de Coimbra. Fui viver para casa do senhor Domingues Salvador Belo, agricultor e filho de um ex-líder de Bercoli. Foi com Domingues que comecei a aprender a língua local, waemaa. Era a estação do cultivo dos arrozais, e eu ajudava-o. Ele usava um búfalo para cultivar os campos de arroz gerando-se uma conversa entre nós por esse facto. Ele disse: "Tenho vergonha por ainda utilizarmos o búfalo nos arrozais, quando em países como o Japão utilizam máquinas." Eu respondi: "Não, não tenha vergonha. A actual civilização industrial irá destruir a Natureza. Investem demasiado em máquinas e em petróleo e, em consequência, estão a destruir a Natureza. Na minha opinião, a agricultura é um acto de comunicação com a Natureza."

As pessoas começavam a falar muito sobre o conflito político entre os partidos em Dili. Tentavam ouvir a rádio, particularmente a Rádio FRETILIN. Como a potência do emissor da FRETILIN era fraca, tornava-se difícil ouvir a emissão. No entanto, não desistiam. Gostavam de ouvir a canção da FRETILIN. Sentiam-se encorajados. A determinada altura, tive oportunidade de conversar com um jovem. Ele disse-me que era o autor do poema sobre um filho da FRETILIN. Quando lhe disse que a comunidade da aldeia de Bercoli gostava muito do poema ele informou-me que trabalhava nas acções de propaganda visando o exército.

Conheci Frei Locatelli, de origem italiana. Era um homem alegre e astuto, e trabalhava com os jovens na construção de um novo edifício. Convidou-me para os festejos da véspera de Ano Novo, onde projectou os filmes Police, de Chaplin e Not so well Willy, de Willy Bauman. Emprestou-me um livro intitulado The History of Cinema Theory.

Entretanto, comecei a aprender a língua waemaa com a ajuda do Senhor Domingues. Ele levou-me a diversas casas a fim de participar nas cerimónias de watuhesi, o xamã, e observar uma cerimónia de culto a antepassados. Acompanhei o grupo responsável pela propaganda da FRETILIN nas suas visitas a diversas aldeias. Confraternizavam e trocavam opiniões sobre as perspectivas de independência. Visitavam hospitais e animavam os doentes. Eu tinha a impressão de me encontrar entre o que de melhor havia nos jovens do período inicial do Exército Vermelho Maoista.

Nos finais de Fevereiro, várias pessoas começaram a aconselhar-me a sair de Timor Leste porque previam distúrbios num futuro próximo. E foi assim que eu tive de abandonar o meu trabalho de campo antropológico e partir para a Ilha das Flores, na Indonésia, a minha terceira escolha. Vivi entre um povo chamado Lio durante oito meses e estudei a sua cultura. Consegui aí realizar o trabalho a que me propusera em Timor Leste. Parte do material recolhido é apresentado no artigo , em inglês, que vos foi distribuído.

É esta a razão porque falhou a missão de estudo que me levara a Timor Leste. Tomei conhecimento da invasão pela Indonésia, na Ilha das Flores, através da rádio indonésia, em Setembro.

Estes antecedentes pessoais explicam a razão porque me assusta um pouco a ideia de fazer uma apresentação antropológica global sobre Timor Leste. Há dias, vim a saber que havia, no Museu Nacional de Etnologia, uma exposição sobre a cultura de Timor Leste. Fui até lá. O texto do catálogo foi escrito pelo Senhor Campagnolo. Descobri que o texto sobre a Cultura Timorense

apresenta uma perspectiva semelhante àquela que referi no início da minha comunicação. Fiz circular mapas etnográficos e gostaria que olhassem para eles a fim de ficarem com uma ideia geral sobre a diversidade étnica do território.

A exposição resulta do Simpósio "A Antropologia Timorense" realizado em Dezembro de 1989. Este acontecimento poderá ter sido histórico, dado não ter sido realizado trabalho antropológico sistemático e sério no período anterior ao Simpósio devido à distância física entre Portugal e Timor.

Em vez de vos apresentar uma descrição tipo "livro de texto" dos Timorenses, gostaria de salientar alguns pontos mais salientes que atraíram a nossa atenção ao observar a Dança Makasi. Observámos a dança da espada (katana), acompanhada por tambores tocados por belas raparigas trajando lindos vestidos tradicionais. A dança guerreira era uma das apresentações cénicas mais belas de todas as realizadas pelos grupos étnicos Timorenses. A luta entre grupos era uma constante sazonal. Era, de uma certa forma, um meio de comunicação de entre o grupo, pois a luta imprimia sentimentos de renovação temporal. Existia, contudo, um sentimento de animosidade escondido por detrás de relação militante. Podíamos observar alguma jocosidade de entre os grupos que mantêm a memória histórica dos combates que travaram. Numa expressão dramática, os homens dançam empunhando espadas. Sabemos que a espada é o objecto trocado entre os clãs receptores e os clãs dadores de mulheres. Embora nas regiões ocidental e central as mulheres participem na dança tocando tambores e gongos. Na zona oriental, elas não só acompanham musicalmente como participam dançando. Não sei se o tambor é considerado ou não um objecto feminino. Contudo, o gongo está associado ao seios das mulheres e é por isso um objecto feminino. A dança guerreira reflecte este contexto.

Para podermos compreender a dicotomia simbólica entre objectos masculinos e femininos, precisamos de analisar o sistema de casamentos.

Já mostrámos o princípio geral de um tipo de casamento que se baseia numa aliança assimétrica. Vimos que o tipo de casamento chamado aliança assimétrica pressupõe uma classificação e cosmologia dualistas análogas à teoria do Yin e do Yang comum na Ásia Oriental. Esta dicotomia é geralmente expressa da seguinte forma:

FEMININO	MASCULINO
Dador de mulher	Receptor de mulher
Fiacção (Tecido)	Metal (trabalho em madeira)
Tecelagem (Tecido)	Agricultura
Cestaria	Transportes
Olaria	Caça, pesca e recolha
Confecção de alimentos	Dança, feitos guerreiros
Mutisala (Contas)	Espada (Arma de lâmina soldada)
Terra	Céu
Senhor da Terra	Chefe político
Colar de coral	Adornos em ouro e prata
Arroz	Búfalos
Porcos (Animal doméstico)	Cavalos

Embora este tipo de classificação dicotómica não seja passível de listagem exaustiva, as actividades sociais, religiosas e familiares organizam-se segundo este tipo de paradigma que deriva de forma assimétricas de aliança matrimonial. As trocas cerimoniais realizam-se por ocasião do nascimento, iniciação, casamento, construção de casas, cura de doenças e morte, cobrindo, desta forma, a maioria dos rituais relacionais com os ritos de passagem. As pessoas sentem que a ordem cósmica só é mantida se as trocas forem realizadas de forma adequada. Não parece ter existido um poder político forte centralizado. O protótipo do liurai (chefe) parece ter tido um significado mais religioso e simbólico, associado ao conceito de tuan tana (senhor da terra), o qual também está mais ligado à ideia da superioridade espiritual dos dadores de mulheres nas alianças matrimoniais.

Existem variações ao nível local e não é possível afirmar que todos os grupos étnicos obedecem a um padrão comum. De acordo com David Hicks, os Tetum, de Viqueque, obedecem a padrões distintos. Todavia, este diagrama paradigmático fornece a chave para a regra básica seguida nas dimensões económica, social e política.

Depois de sair de Timor Leste dirigi-me para a ilha central das Flores onde verifiquei que a estrutura básica obedecia a padrões semelhantes, como se pode ver pelo meu artigo sobre os Lio das Flores.

Nos últimos dias, tem sido levantada uma questão interessante nos debates em torno do problema da unidade cultural. Não há dúvida que existe uma certa similitude de base ao nível mais profundo do estrato cultural entre algumas culturas da Indonésia e as de Timor Leste. Para referir apenas alguns, existem grupos étnicos no sul de Kilimantan, Ceram, Flores, Samba Ocidental, Mentawe, Atoni, Savu, Nias que apresentam este tipo de cultura. A existência de certas analogias nos traços culturais não permite insistir numa hierarquia política formulada unicamente com base em circunstâncias políticas recentes. Todos os partidos são iguais e não deverá ser permitido o domínio político a nenhum deles. Como já fizémos notar, foi Louis Berth, antropólogo francês, quem insistiu que só é possível encontrar Javaneses falantes de Bahasa Indonésio no topo da hierarquia política porque se tornaram , na História recente, um "centro" rodeado por zonas "periféricas" tais como as referidas anteriormente. Estas mantiveram, contudo, as características culturais que desde sempre predominaram naquela região.

Aceitar o direito de tal hegemonia significaria aceitar o controle deste "centro" enquanto entidade exterior a todo o restante território. Por exemplo, certos tipos de contas de origem árabe (mutisala) ainda são hoje utilizadas nesta sociedade. Certos padrões encrustados em objectos de bronze, do estilo Donsong, parecem ser originários do Sul da China. Durante a minha estadia em Bercoli, ouvi um conto popular sobre um herói ardiloso que enganava os crocodilos saltando sobre eles enquanto flutuavam lado a lado. O mesmo tipo de conto existe no Japão.

Será que este facto autoriza esses poderes a invadirem Timor Leste no pressuposto de que existe uma unicidade cultural ? A hegemonia política de Java é uma coisa. As semelhanças culturais entre duas áreas aparentemente periféricas é outra. Nunca se deverá confundir ambas. As semelhanças culturais só deverão ser usadas enquanto expressão da solidariedade entre povos.

Em 1975, enquanto estava na Ilha das Flores, escrevi um artigo para uma revista, intitulado Trembling Earth in the Frontier contribuindo assim com a minha opinião. Fazia uma advertência aos leitores japoneses, no sentido de que não de pode ignorar uma situação grave mesmo que ocorra numa zona remota do mundo. Como o mundo é uno, aquilo que acontecer num ponto do globo será desde logo disseminado pelo resto do mundo. Escrevi diversos artigos para jornais criticando a política indonésia em Timor Leste. Publiquei uma entrevista com Mimi Ferreira num dos mensários mais influentes. Isso fez com que fosse impedido de regressar à Indonésia. Passei à categoria de antropólogo declarado persona non grata pelo governo indonésio. Dá a impressão que abandonei o território por duas vezes: da primeira fui coagido, da segunda por livre escolha. Penso que a minha decisão não foi errada.

PROF. M. YAMAGUSHI
28 Julho 1993